

A GRAMÁTICA DO PORTUGUÊS
REVELADA EM TEXTOS



Maria Helena de Moura Neves



SUMÁRIO



INTRODUÇÃO 13

APRESENTAÇÃO 17

PARTE I – NOÇÕES BÁSICAS

1. LINGUAGEM E METALINGUAGEM 33
2. CLASSES E UNIDADES 53
3. FUNÇÕES E PROCESSOS 81
4. USO, NORMA(S) E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA 131

PARTE II – CLASSES E FUNÇÕES

1. VERBO / PREDICADO 149
2. SUBSTANTIVO / SINTAGMA NOMINAL 219
3. ADJETIVO / SINTAGMA ADJETIVO 277
4. ADVÉRBIOS / SINTAGMAS ADVERBIAIS 343
5. ARTIGO DEFINIDO 403
6. ARTIGO INDEFINIDO 441
7. PRONOMES PESSOAIS 459
8. PRONOMES POSSESSIVOS 513
9. PRONOMES DEMONSTRATIVOS 531
10. PRONOMES INDEFINIDOS 553

11. PRONOMES RELATIVOS / ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS 639
12. NUMERAIS 677
13. PREPOSIÇÕES 725
14. COORDENAÇÃO / CONJUNÇÕES COORDENATIVAS / ORAÇÕES COORDENADAS 799
15. CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS ADVERBIAIS TEMPORAIS /
ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS TEMPORAIS 851
16. CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS ADVERBIAIS CAUSAIS /
ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS CAUSAIS 875
17. CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS ADVERBIAIS CONDICIONAIS /
ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS CONDICIONAIS 907
18. CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS ADVERBIAIS CONCESSIVAS /
ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS CONCESSIVAS 947
19. CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS ADVERBIAIS CONSECUTIVAS /
ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS CONSECUTIVAS 989
20. CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS ADVERBIAIS FINAIS /
ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS FINAIS 1001
21. CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS ADVERBIAIS COMPARATIVAS /
ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS COMPARATIVAS 1021
22. CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS ADVERBIAIS CONFORMATIVAS /
ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS CONFORMATIVAS 1051
23. CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS ADVERBIAIS PROPORCIONAIS /
ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS PROPORCIONAIS 1059
24. CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS ADVERBIAIS MODAIS /
ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS MODAIS 1075
25. CONJUNÇÕES INTEGRANTES / ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS 1085
26. INTERJEIÇÃO 1117
27. FIGURAS DE LINGUAGEM 1131

PARTE III - PARA CONSULTA

1. GÊNERO E NÚMERO DOS SUBSTANTIVOS 1195
2. SINTAXE DO VERBO 1239
3. A CONJUGAÇÃO VERBAL 1263

4. ADJETIVOS E LOCUÇÕES ADJETIVAS 1297

5. DERIVAÇÃO PREFIXAL 1315

GLOSSÁRIO 1325

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 1343

OBRAS EXAMINADAS 1353

ÍNDICE REMISSIVO 1391

INTRODUÇÃO



Nosso mote

Sinais mortíferos¹

A primeira referência em grego, portanto provavelmente a primeira na história da literatura ocidental, à prática de escrever está no livro 6 da Iliada, e não é boa. Alguém é encarregado de levar “sinais mortíferos”, a inscrição numa lousa, a outro alguém. No tempo da Iliada as histórias eram transmitidas oralmente, não havia um texto atribuível com certeza a Homero ou sequer certeza de que existia um Homero. Para o público da época, a escrita era algo remoto e misterioso, e as marcas cunhadas em pedra ou argila, como descritas na Iliada, um código esotérico e certamente sinistro. As marcas aprisionavam e imobilizavam as palavras, levavam-nas para outro domínio e lhes davam outro poder, diferente do poder comum, e do sortilégio compartilhado, da palavra dita. Por isso a escrita estreou na literatura caracterizada como mortífera. Séculos depois de Homero, outro poeta, W. B. Yeats, diria que fazia seus versos de “bocados de ar” e Anthony Burgess, que usou a frase de Yeats – “a mouthful of air” – como título num livro seu sobre linguagem, escreveu que a primeira realidade da literatura é essa mesmo, um bocado de ar transformado pelos órgãos vocais, enquanto a escrita e a impressão são suas realidades secundárias. Mas é a palavra escrita que dá permanência à linguagem, mesmo ao preço de roubá-la da sua vulgaridade democrática, e quase toda a nossa experiência literária é feita dessa segunda realidade. Ao contrário dos gregos antigos, só “ouvimos” os poetas dentro da nossa cabeça, e preferimos assim. Lembro da decepção que foi ouvir uma gravação do T.S. Eliot declamando seus próprios poemas. Era uma leitura tão diferente da minha, silenciosa, que concluí que ele não entendia o que tinha escrito. Pode-se dizer que, assim como ninguém tem prazer em ler uma partitura musical sem som, é na partitura – nos sinais escritos – de um poema, ao contrário da sua oralização, que está a musicalidade. Por melhor que seja o declamador, ele nunca se igualará ao leitor ideal de um texto favorito, você mesmo para você mesmo. Com o tempo, os sinais mortíferos perderam seu estigma e se transformaram na única maneira de compartilhar do sortilégio, inclusive do Homero.

(Luis Fernando Verissimo)

A você que abriu este livro

No momento em que abrimos um livro nos pomos no reino da palavra escrita, compartilhando desse sortilégio de que fala Verissimo, dessa magia de sinais gravados que une as mentes das quais saíram sinais, e outros sinais, e outros sinais...

1. Texto publicado em *O Estado de S. Paulo*. Disponível em: <<http://www.scribd.com/doc/6936826/Verissimo-Luis-Fernando-Banquete-com-os-deuses>>. Acesso em: 6 jan. 2009.

Ninguém duvida de que a linguagem falada é a linguagem primeira, é a linguagem natural, que prescinde das tábuas e dos sulcos que um dia os homens inventaram para cumprir desígnios que foram sendo estabelecidos, para o bem e para o mal.

Nas sagas que cantou, Homero distinguia heróis da palavra, heróis que eram os homens de fala forte, de fala efetiva, de fala eficiente. Assim como havia heróis excelentes na ação, havia aqueles excelentes na palavra (porque, para o épico, excelente em tudo, só Zeus!). E entre eles Homero ressalta muito significativamente a figura do velho conselheiro Nestor, sempre à parte dos combates, mas dono de palavras sábias que dirigiram rumos das ações. Mas ele ressalta, entre todos – no foco da epopeia –, a figura de Odisseu / Ulisses, que nunca foi cantado como herói de combate renhido, mas que foi o senhor das palavras astutas que construíram a *Odisseia*.

Hoje a força da palavra falada é a mesma, nada mudou, na história da humanidade, quanto ao exercício natural da capacidade que o homem tem de falar e quanto à destinação natural desse exercício. Mas, que diferença!

E vem agora o lado prático desta conversa inicial: sem discussão, pode-se dizer que a palavra escrita é sustentáculo da cultura, embora não se ouse supor que sociedades ágrafas estejam excluídas da noção de “cultura”, e que os textos de Homero, que então eram apenas cantados, não tenham sido sustentáculo de cultura no mundo grego, exatamente por onde chegaram ao registro escrito.

Diz Verissimo que a palavra escrita *dá permanência à linguagem*, e isso se comprovaria, banalmente, no fato de que hoje os versos de Homero nos chegam somente cravados em papel ou em tela de computador. Mas com certeza o cronista, que não esqueceu a permanência do texto oral de Homero, também não terá esquecido que, já há algum tempo, gravam-se falas, e que, portanto, a tecnologia do homem já soube dar registro permanente também à palavra oral.

Ocorre que a permanência de que fala Verissimo é outra: acima do fato de que a escrita representa um registro concreto permanente, está o fato de que ela leva as palavras *para outro domínio* e lhes dá *outro poder, diferente do poder comum, e do sortilégio da palavra dita*. A palavra falada povoa um domínio que, já por funcionar automaticamente segundo o *software* que trouxemos à vida com a vida, não desvenda todos os sortilégios nos quais entramos quando complicamos o viver. Que o digam os versos dos poetas, que no geral se produzem em suporte gráfico e assim nos chegam (no papel ou em tela de monitor, insisto), mas vêm carregados da melodia que lhes dá sentido, e por aí nos transportam a um mundo particularmente mágico a que passamos a pertencer com a leitura! Este é, por si, o mundo da palavra mágica!

E chegamos à função da escola nesse mundo da magia da linguagem. Se, como diz Verissimo, a escrita traz o preço de *roubar a palavra à sua vulgaridade democrática*, cabe aos professores, que são aqueles a quem é dado levar às gerações a força da linguagem e a força da cultura, reverter o processo e reverter o argumento: cabe-lhes valorizar a democrática palavra falada, sim, mas sua missão muito particular é *vulgarizar democraticamente a palavra* (escrita) dos livros sem tirar-lhe o sortilégio. Acreditemos ou não em sortilégios...

APRESENTAÇÃO



1. O UNIVERSO

Nosso mote

A criação do mundo (revista e diminuída)

*no princípio era o verbo
depois o **advérbio** e o composto
veio então a raiz quadrada
povoar de teoremas as águas
do cérebro
com toda a ciência – e muita, mas
muita paciência – criou
toda matéria que há
separando a geografia o mar
da terra
lá pela hora do recreio
vieram a arte e a história
dar seus palpites
e foi depois da sétima aula
que o Professor descansou
não sem antes passar dois
mil anos de lição de casa
para que todos aprendessem
um pouco de tudo que há no mundo
e não levassem bomba no fim do ano.*

(Ulisses Tavares)¹

O texto apresentado se move no universo dos estudos escolares: fala da história da humanidade; fala de teoremas e de raiz quadrada; fala de cérebro e de ciência; fala de matéria e de arte; fala de história e de geografia; afinal, fala de aula, de lição de casa, de aprendizagem, de bomba no fim do ano. E bota a descansar, após a sétima aula, o professor, que, no seu reino que é a escola, é um verdadeiro “criador”.

E a linguagem é ingrediente essencial nesse reino. Tal qual a *Bíblia* (Evangelho segundo São João 1:1), o poema se inicia com a frase *No princípio era o verbo...*, na qual o termo *verbo* significa “palavra”. Fica, pois, registrado no poema que, com a palavra (a linguagem), criou-se tudo o que existe no mundo!

1. Tavares, *Viva a poesia viva*, p.48.

Mas não apenas a linguagem, também a metalinguagem é peça da montagem do poema: no verso seguinte, um deslizamento poético leva o termo *verbo* para outro campo, leva-o para aquele mesmo campo em que se encontra o *advérbio*, ou seja, para o campo das classes de palavras, o campo da GRAMÁTICA. E aí está, pois, a GRAMÁTICA abrindo o cenário no universo dos estudos escolares.

É exatamente a intenção deste livro: levar a GRAMÁTICA ao mesmo universo que é da ciência e é da história, que requer raciocínio e também requer arte, que traz lição e traz vivência. Não se quer falar da GRAMÁTICA que está apenas em rótulos ou esquemas, mas da GRAMÁTICA que está em todo “verbo”, ou seja, em todo uso da “palavra”. Por isso, a diretriz central é falar da língua portuguesa falando da linguagem em uso, falando dos procedimentos de constituição dos enunciados vivos na linguagem.

O livro se dirige pela noção de que o estudo da GRAMÁTICA da língua portuguesa pode e deve centrar-se em reflexões sobre a linguagem nas diferentes situações de uso, nos diferentes gêneros discursivos e nos diferentes tipos (ou sequências) de texto. Em resumo, o que se pretende é que o estudioso da GRAMÁTICA a entenda como a organização de princípios que leva à produção textual-discursiva. Um dado importante para que se entenda a proposta deste livro é que esta autora pretende que ele vá às salas de aula, ou pela leitura direta de suas “lições” (a depender do nível de ensino), ou pela voz dos professores que delas se sirvam nas suas aulas, mas sempre a partir da leitura dos textos / das ocorrências de linguagem que ele oferece.

Como se explicita no primeiro capítulo da Parte I, neste livro nos movemos nos terrenos da linguagem e da metalinguagem, ou seja, trabalhamos a linguagem falando das coisas, e a linguagem falando da própria linguagem. Por aí, a GRAMÁTICA é tomada como objeto de estudo, mas sem nunca ser vista como um compartimento estante de entidades estocadas em prateleiras organizadas.

2 . A P R O P O S T A

Este livro apresenta-se declaradamente como portador de “lições”, devendo-se entender, por aí, que o que ele pretende é orientar a condução de uma reflexão sobre o uso linguístico que leve à apreensão daqueles mecanismos gramaticais da língua construtores dos sentidos, dos valores, dos efeitos obtidos. Visa-se, pois, à apreensão da GRAMÁTICA que organiza a interação, que organiza a informação e que organiza semanticamente os textos.

A obra prioriza uma condução das lições gramaticais feita a partir de textos reais, ou seja, de ocorrências efetivas, que estão registradas em *córpus* constituídos,² ou que foram retiradas de obras disponíveis em publicações ou em meio digital. Incluem-se fortemente letras de canção, que, obviamente, vão ser aproveitadas maximamente se se trabalhar com acesso à execução da peça musical.

O pressuposto que dirige o livro é o de que a visão da GRAMÁTICA como um território isolado do uso da língua tem sido um dos grandes óbices à sua legitimação como disciplina com bom lugar no ensino da língua portuguesa, e tem colocado um grande engano na base da discussão sobre a inserção, ou não, da GRAMÁTICA no programa escolar.

No testemunho do geral dos professores, ensina-se GRAMÁTICA para que os alunos tenham melhor desempenho linguístico. Se assim é, há de prever-se que o estudo da GRAMÁTICA sirva a esse fim, o que só se pode obter se o ponto de partida for uma reflexão teoricamente bem conduzida sobre os usos. A proposta que aqui se desenvolve pretende exatamente o caminho para uma penetração no fazer do “texto” capaz de conferir ao falante da língua uma apropriação de gatilhos que, nas diferentes situações, disparem usos apropriados e significativos (em uma ponta) e favoreçam captações ricas e tranquilas (na outra ponta).

O “mundo da GRAMÁTICA”, que alguns insistem em constituir como um edifício de doutrina petrificada, isolado da linguagem, precisa ser visto como o mesmo mundo em que nos movemos quando falamos, quando lemos, quando escrevemos (quando fazemos linguagem), e esse é o mesmo mundo em que nos movemos quando refletimos e falamos sobre a linguagem (fazemos metalinguagem). Uma atividade (re)alimenta a outra, e é um grande desperdício usar um espaço de tempo com lições de GRAMÁTICA que apenas representem reproduzir termos da metalinguagem, sem aproveitar o que do funcionamento linguístico está realmente representado nesses termos.

3. A NATUREZA DAS LIÇÕES

Na parte inicial do livro (Parte I) estão as noções básicas que sustentam a condução destas lições, o que se resume a seguir, nesta apresentação.

2. Todas as ocorrências não referenciadas explicitamente nas exposições e registradas apenas por siglas ao seu final foram retiradas de bancos de dados constituídos e disponíveis: a) para língua escrita, *córpus* de 270 milhões de ocorrências disponível em meio digital no Laboratório de Lexicografia da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp, *câmpus* de Araraquara (o chamado *Córpus* de Araraquara); b) para língua falada, o *córpus* mínimo do Nurc-RJ, constituído por 5 D2 (SP-360; RJ-355; RE-005; POA-291; SSA-98), 5 DID (SP-234; RJ-328; RE-131; POA-45; SSA-231) e 5 EF (SP-405; RJ-379; RE-337; POA-278; SSA-49), todos já editados e disponíveis; também o *córpus* Iboruna (Unesp – Ibilce), Amostra Censo (AC).

A linguagem se produz em interação. Toda pessoa que usa a linguagem usa-a numa determinada situação de interlocução, e usa-a para falar (ou escrever) de alguma coisa para alguém. Tem-se aí a “linguagem”, que podemos definir como linguagem do conhecimento e da apreciação do mundo.

Mas as pessoas também usam a linguagem para falar da própria linguagem, de seu funcionamento, ou seja, para falar da “GRAMÁTICA” que opera a produção de sentido dos textos; e, nessa atividade, elas estão mergulhando no mecanismo que rege o mundo da linguagem, suas entidades, suas relações. Tem-se aí a metalinguagem, que é a linguagem do conhecimento e da apreciação da própria linguagem, a qual em si já representa o conhecimento e a apreciação do mundo. Trata-se de tarefa complexa, com certeza, e é de esperar que a escola entenda que tem a obrigação de fornecer aos estudantes a oportunidade dessa extraordinária experiência de língua que a reflexão sobre a linguagem possibilita. (Parte I - 1)

Obviamente cada momento dessa atividade metalinguística representa paralisação consentida da interação verbal efetiva, representa congelamento da imagem num recorte da produção e da recepção da expressão linguística. Entretanto, tal atividade, se reflexivamente bem conduzida, não é artifício, é, sim, instrumento metodológico que permite penetrar na complexidade da produção de sentido pela linguagem verbal.

Os meios de produzir linguagem são múltiplos, e deles deve cuidar a atividade escolar. Neste livro, tratando-se a GRAMÁTICA da língua portuguesa, fala-se particularmente da linguagem verbal, ou seja, da linguagem de palavras, a qual, obviamente, na modalidade oral, também se acompanha de gestos, olhares, sorrisos etc., tudo fazendo parte da interação verbal. Diferentemente das demais, a linguagem verbal é linear, ou seja, desenrola-se em sequência, quer oralmente (sequência de sons, no tempo), quer por escrito (sequência de sinais gráficos, no espaço em que se faz o registro), o que significa que as unidades linguísticas (frases, orações, palavras, fonemas, letras etc.), oralmente ou por escrito, se seguem umas às outras. Esse fato não abrange o processamento cognitivo que rege a linguagem, um processamento global do qual, obviamente, não se poderá tratar, especificamente, aqui. Por outro lado, tudo isso não significa que o texto deva ser avaliado, ingenuamente, como uma série de frases que se sucedem, ou seja, que a visão do texto se faça simplesmente frase a frase.

Dizer que a maior unidade de expressão linguística é o texto não significa dispensar toda a situação discursiva em que ele foi produzido. Pelo contrário, é em ligação com a produção discursiva em todas as suas implicações situacionais que se busca no texto um todo coeso, sustentado por uma organização semântica que envolve uma rede de predicações coerentes (pouco ou muito modalizadas), unidas por múltiplos mecanismos de junção, bem como envolve uma rede de referenciações internamente organizada. Por aí se entende o texto como uma organização em frases, que podem ser vistas como unidades significativas na

interação verbal. Elas se marcam pela sua força enunciativa, ou seja, pela força que tenham no próprio processo de interlocução, podendo apresentar-se com formas e estruturas muito variadas, cabendo lembrar que mesmo frases aparentemente fragmentadas são elementos da linguagem.

Insistir no valor do todo não implica desconhecer que o todo se faz de partes, e que elas são significativas dentro dele; aliás, que o todo é feito das relações das partes do enunciado entre si, e das relações delas com a enunciação. Em geral (embora nem sempre) as frases se organizam em orações, uma unidade já de natureza sintática (construcional), que é familiar aos estudantes, pois os estudos gramaticais têm girado quase exclusivamente em torno dela, embora isso se venha fazendo, muitas vezes, de modo avulso e fragmentado. Daí se vai a unidades de nível mais baixo que a oração, cada qual com o papel representativo da categoria a que pertence e com a função que exerce na construção, tudo isso a produzir sentido.

A noção de categoria é fundamental, sem que com isso se entenda que os rótulos categoriais têm uma importância em si, a ponto de ser suficiente conhecer os nomes das categorias linguísticas, por exemplo, das classes de palavras, para conhecê-las. O próprio estabelecimento dessas classes tem importância pelo que representa no todo do sistema e de seu funcionamento. Ora, em todas as nossas atividades do dia a dia, tratamos as coisas com que lidamos com uma visão da sua inserção em determinada classe, e em especial verificamos isso quando nos pomos a estudar cientificamente um campo de entidades, por exemplo a zoologia ou a botânica.

No seu trato com a linguagem – que, afinal, é uma coisa entre as coisas – as pessoas percebem que as entidades gramaticais são diferentes entre si, mas que elas se reúnem em grupos que têm propriedades similares. Obviamente, tal percepção é menos direta na operação com a linguagem (metalinguística) do que na operação com as coisas do mundo (simplesmente linguística), e é mais complicado configurar as classes e as funções desse complexo que é a linguagem do que configurar (também com a linguagem) as classes das entidades que habitam o mundo (Parte I – 2).

Como também ocorre em todas as áreas de organização com que lidamos na vida, às classes de palavra correspondem funções. Aí, especialmente, a linguagem mostra a sua complexidade, já que de modo algum cada classe tem uma única e determinada função, e de modo algum cada função é desempenhada por uma única e determinada classe de palavras. Por isso mesmo, nem sempre são nítidos os limites entre uma e outra classe de palavras, ou entre uma e outra função, o que, aliás, demonstra a providencial maleabilidade da língua. (Re)conhecer as entidades e as classes gramaticais representa penetrar no funcionamento de um sistema extremamente complexo e de unidades multifuncionais, que não se deixam fixar em conjuntos estanques, de limites absolutamente fixos. Essa multifuncionalidade diz respeito não apenas ao funcionamento no nível da estrutura das construções (o sintático),